

A BATALHA: CONSTRUÇÃO DE SABERES DE MULHERES QUE EXERCEM A PROSTITUIÇÃO EM SALVADOR-BAHIA

Fernanda Priscila Alves Silva¹
Lívia Alessandra Fialho da Costa²

Resumo:

O artigo objetiva problematizar sobre as formas e modos de socialização e agenciamento construídos pelas mulheres e outros atores no cenário da prostituição, assim como perceber e enunciar os saberes e aprendizados que surgem nesta prática social, ou seja, na “batalha” da vida. A pesquisa teve uma perspectiva etnográfica, contou com a participação de 10 interlocutoras formais, com idades entre 30 e 65 anos, que se encontravam na *batalha* pela vida – expressão por elas utilizada para se referir ao trabalho como prostitutas nas ruas – desde a adolescência. O referencial teórico está ancorado no campo de estudos autobiográficos em Educação e numa perspectiva interdisciplinar de análise, conjugando orientações dos campos da Psicologia (ao tratar dos contextos familiares e construção de subjetividades) e da Antropologia (ao considerar a socialização um eixo importante para composição de uma etnografia das interações). Os resultados apontaram uma categoria que parece explicar em profundidade a experiência de ganhar/fazer a vida na rua, *batalha*, portanto, é uma expressão que aponta o modo de fazer e construir a vida na rua e na prostituição. A expressão “*tô na batalha, tô na vida*”, assim como a leitura dos significados e sentidos atribuídos a esta expressão pelas mulheres, aponta, nesta pesquisa, uma categoria que exprime o trabalho exercido pelas mulheres prostitutas na rua, no Centro de Salvador (BA).

Palavras-chave: Batalha. Saberes. Mulheres Pobres. Prostituição.

THE BATTLE: CONTRIBUTION OF KNOWLEDGE OF WOMEN EXERCISING PROSTITUTION IN SALVADOR, BAHIA

Abstract:

The article aims to problematize the forms and modes of socialization and agency built by women and other actors in the scenario of prostitution, as well as to perceive and enunciate the knowledge and learning that arise in this social practice, that is, in the battle of life. The research had an ethnographic perspective, including the participation of 10 formal interlocutors, aged between 30 and 65 years and they were

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil. E-mail: feracatejo2@gmail.com

² Doutora em Antropologia Social e Etnologia - École des Hautes Études en Sciences Sociales. Pós-Doutorado na Université Paris 13, Paris, França. Professora Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, Brasil. E-mail: fialho2021@gmail.com



in the battle for life since adolescence - an expression they used to refer to working as prostitutes on the streets. The theoretical framework is anchored in the field of autobiographical studies in education and an interdisciplinary perspective of analysis, combining orientations from the fields of psychology (when dealing with family contexts and construction of subjectivities) and anthropology (considering socialization as an essential axis for the composition of an ethnography of interactions). The results pointed to a category that seems to explain in-depth the experience of winning/making life on the street, the battle, so it is an expression that points out the way of doing and building a life on the street and in prostitution. The expression "I am in the battle, I am in the life," as well as the reading of the meanings and meanings attributed to this expression by the women points in this research a category that expresses the work done by the women prostitutes in the street, in the Center of Salvador, Bahia.

Keywords: Battle. Knowledge. Poor Women. Prostitution.

LA BATALLA: CONTRIBUCIÓN DEL CONOCIMIENTO DE MUJERES QUE EJERCEN LA PROSTITUCIÓN EN SALVADOR / BA

Resumen:

El artículo objetiva problematizar sobre las formas y modos de socialización y agenciamiento construidos por las mujeres y otros actores en el escenario de la prostitución, así como percibir y enunciar los saberes y aprendizajes que surgen en esta práctica social, o sea, en la batalla de la vida. La investigación tuvo una perspectiva etnográfica, contó con la participación de 10 interlocutoras formales, con edades entre 30 y 65 años, que se encontraban en la batalla por la vida - expresión por ellas utilizada para referirse al trabajo como prostitutas en las calles - desde la adolescencia. El referencial teórico está anclado en el campo de estudios autobiográficos en educación y en una perspectiva interdisciplinaria de análisis, conjugando orientaciones de los campos de la psicología (al tratar de los contextos familiares y construcción de subjetividades) y de la antropología (al considerar la socialización un eje importante para la composición de la sociedad, una etnografía de las interacciones). Los resultados apuntaron a una categoría que parece explicar en profundidad la experiencia de ganar / hacer la vida en la calle, por lo tanto la batalla es una expresión que apunta al modo de hacer y construir la vida en la calle y en la prostitución. La expresión "estoy en la batalla, estoy en la vida", así como la lectura de los significados y sentidos atribuidos a esta expresión por las mujeres apunta en esta investigación una categoría que expresa el trabajo ejercido por las mujeres prostitutas en la calle, en el Centro de Salvador / BA.

Palabras clave: Batalla. Saberes. Mujeres Pobres. Prostitución.

1 INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, os estudos e campo de produção sobre prostituição e mercados do sexo vêm crescendo nos últimos anos. A partir, notadamente, dos anos 2000, cresceu o número de artigos, teses e dissertações, sobretudo nas áreas de ciências sociais, psicologia, e história cultural. Uma diversidade de trabalhos e abordagens, perspectivas e diálogos no campo político têm suscitado discussões cada vez mais instigantes. Um grupo de autores/as tem sido considerado/a

responsável pela consolidação do tema, criando uma geração de pesquisadores/as neste âmbito. Trabalhos como os de Claudia Fonseca (1996), Margareth Rago (1985, 2008) e Adriana Piscitelli (2002, 2005, 2008, 2009, 2013) têm apontado “perspectivas metodológicas, políticas e analíticas”. Nota-se uma diversidade de campos e áreas, o que denota uma interdisciplinaridade no que tange à discussão e pesquisa do tema.

Desde o final do século XIX (a partir dos anos 1840), e início do século XX (até 1930), os escritos sobre prostituição traziam como argumentos os conhecimentos médicos e da polícia, que se intitulavam “defensores da moralidade” (PASINI, 2000). Nos anos 1970/1980, a preocupação é compreender o processo de confinamento de prostitutas em determinados espaços, como é o caso do trabalho de Mazzariol (1977); pesquisar a prostituição viril com o objetivo de analisar as relações entre os michês e seus clientes (PERLONGHER, 2008); pesquisar a experiência das mulheres na prostituição desde a realidade da cidade de Fortaleza (SOUZA, 1998) ou, ainda, compreender a prostituição como negociação da ordem social (FREITAS, 1985). Estes e outros trabalhos como, por exemplo, Bacelar (1982); Gaspar (1984); Moraes (1995); Fonseca (1996); Pasini (2000); Olivar (2014, 2007, 2012) têm sido marcados pela preocupação com as diferentes formas de prostituição, principalmente considerando as mulheres. Piscitelli (2013) tem buscado compreender os diferentes aspectos da inserção de mulheres brasileiras nos mercados transnacionais e heterossexuais do sexo. Muito tem contribuído para este processo de ampliação dos estudos, o surgimento do Movimento de Prostitutas na década de 1980, sob a liderança de Gabriela Leite e Lourdes Barreto. Mais recentemente, os movimentos das prostitutas e algumas lideranças como Monique Prada têm apontado a perspectiva do que ela denomina em seu livro de Putafeminismo, reconhecendo-se como PutaFeminista, e colaborando para se pensar a abertura do feminismo aos diversos feminismos presentes no cenário atual, assim como a importância de diálogo interdisciplinar entre os campos de estudos e no próprio movimento.

Neste artigo, pretendemos dialogar com estes estudos e com a realidade apresentada pelas mulheres que exercem a prostituição na Praça da Sé, em Salvador (BA), considerando, principalmente, alguns aspectos: o método utilizado no estudo; a categoria *batalha*, como categoria êmica que surge da pesquisa como expressão do que significa estar na prostituição de rua em Salvador; e discutir

acerca da construção de saberes e agenciamento que são desenvolvidos pelas mulheres neste contexto.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

*Pesquisar...Acampar...
 Entrar no campo!!!
 Ir à campo...Estar no campo.
 Mapear circuitos, deslocar...
 Porque corpos interagem, dançam, labutam
 Corpos batalham...Resistem...Posicionam-se
 Em constantes mobilidades, trânsitos, e tran (s) Ações
 Corpos territórios. Mundos contraditórios
 Vidas e memórias.
 Pesquisar... Etnografar...
 Anotar percepções
 Ensaiar performances
 Do centro às margens
 Das margens ao centro
 Rascunhar soltas palavras
 Ampliar vozes sujeitas
 Agentes e Envolventes
 Pesquisar é acampar
 No campo, no mundo, na vida.
 Fernanda Priscila Alves da Silva*

A pesquisa exigiu uma construção interdisciplinar de análise. Assim, seguiu os estudos autobiográficos em Educação (DELORY-MOMBERGER, 2011), conjugados com orientações dos campos da Psicologia (ao tratar dos contextos familiares e construção de subjetividades) e da Antropologia (ao considerar a socialização um eixo importante para composição de uma etnografia das interações). São considerados como referencial secundário, que ampara comparativamente as análises, estudos sobre prostituição e mercados do sexo, atentando, principalmente, para alguns aspectos: a prostituição e o mercado do sexo, entendidos como processos de deslocamentos e transnacionalização; processos de socialização e mobilidades ocorridas no espaço, neste caso, a rua (praça) entre os diversos atores que circulam neste contexto; as construções de saberes e aprendizados realizados nestes (e a partir) destes espaços e vivências. As narrativas autobiográficas das mulheres foram uma chave para entender o lugar dessas mulheres, que parecem construir suas histórias de vida driblando exclusões e preconceitos diversos, e que termina por colocá-las num lugar de mulheres de menor valor.

O estudo foi realizado com mulheres que exercem a prostituição no centro de Salvador/BA, mais especificamente na Praça da Sé e adjacências. Foram entrevistadas 10 mulheres, numa faixa etária de 30 a 65 anos. A Praça da Sé é um

ponto de grande circulação e movimento. Para se chegar ao Pelourinho passa-se pela Praça da Sé. Para quem vem da cidade baixa ou da Avenida Carlos Gomes e da Avenida Sete, após passar pelo Elevador Lacerda, passa-se pela Praça da Sé. Vários vendedores, baianas de acarajé ficam neste ponto. Vindo do Elevador Lacerda, à esquerda, está a Cruz Caída; do lado direito, o antigo Cine Excelsior, o Palácio Arquiepiscopal, a Coelba. À esquerda, localizam-se várias lojas de som, roupas, restaurantes e pequenas ruas que dão acesso às ruas menos movimentadas. Sem dúvidas, este é um ponto de grande circulação de pessoas, e onde se localizam as mulheres participantes deste estudo. O percurso metodológico tem uma perspectiva etnográfica, e o referencial teórico está ancorado no campo dos estudos autobiográficos em Educação, além de ser atravessado por uma perspectiva feminista. A perspectiva etnográfica permitiu aproximação ao espaço/rua, conhecimento e (re) conhecimento do ambiente, e uma busca constante em aprender a ler e entender os significados e ritmos da rua. É o movimento denominado por Magnani (2002) de “olhar de perto e olhar de dentro”, observando os arranjos dos atores sociais. Neste sentido, as pesquisas etnográficas se caracterizam pelo envolvimento da pesquisadora com o cenário e grupo social pesquisado. Ela consiste, portanto, em descrever as práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais por meio de técnicas de observação e conversação

Durante o período de um ano e seis meses de inserção em campo, 10 mulheres foram interlocutoras centrais, sendo considerados, ainda, no processo de análise, os diversos outros atores do cenário: clientes, filhos, filhas, companheiros/as, transeuntes, visto que a maior parte da observação etnográfica aconteceu no espaço da rua. No quadro a seguir, é possível visualizar o perfil das mulheres entrevistadas.

Tabela 1: Perfil das mulheres que exercem a prostituição de baixa renda em Salvador/BA

	Origem	Ano Nasc	Idade	Cor	Escolaridade	Filho/as	Estado Civil	Ano de inserção prostituição	Idade Início na prostituição	Tempo na prostituição	Local de Trabalho	Valor Média Programa	Outros trabalhos
1	Poço Verde/SE	1963	52	Branca	4ª série fundamental	2	Solteira	1980	17	35	Ladeira da Montanha	R\$ 30,00	Não
2	Recife/PE	1971	44	Branca	6ª série fundamental	2	Solteira	1995	24	20	Praça da Sé	R\$ 30,00	Guia
3	Penedo/AL	1953	62	Negra	1ª série fundamental	2	Separada	1970	17	45	Praça da Sé/ Ladeira da Montanha	R\$ 30,00	Não
4	Camamu/BA	1977	38	Negra	Analfabeta	12	Casada	1992	15	23	Praça da Sé	R\$ 25,00	Guia
5	Garanhuns/PE	1966	49	Parda	1ª série fundamental	3	Solteira	1980	14	35	Praça da Sé	R\$ 20,00	Vendas
6	Serrinha/BA	1975	40	Negra	Ensino Médio completo	1	Separada	2000	25	15	Orla	R\$ 70,00	Vendas
7	Salvador/BA	1971	42	Negra	3ª série fundamental	0	Casada	1988	17	27	Praça da Sé	R\$ 10,00	Não
8	Salvador/BA	1981	34	Branca	8ª série fundamental	5	Solteira	1996	15	19	Praça da Sé Pelourinho	R\$ 10,00	Não
9	Salvador/BA	1966	49	Parda	Ensino Médio incompleto	4	Separada	1988	22	27	Praça da Sé Calçada	R\$ 30,00	Não
10	Nazaré das Farinhas/BA	1978	37	Negra	1ª série fundamental	1	Casada	2000	22	15	Praça da Sé	R\$ 40,00	Não

Fonte: As autoras.

A partir de diálogos, conversas, entrevistas, encontros e desencontros, as mulheres foram se dizendo, se contando, rememorando. Os espaços de conversações sobre suas trajetórias, a partir de suas narrativas, trouxeram a compreensão de que o percurso feito pelas mulheres que se prostituem é diverso e, portanto, não linear.

A partir dos discursos trazidos pelas mulheres, a tentativa foi analisar os significados e sentidos que elas atribuem à sua trajetória de vida, os caminhos percorridos, as memórias, lembranças, afetos, circulações e socializações, sejam a partir da experiência escolar, familiar, inserção em outros contextos sociais ou na realidade da prostituição.

Dessa forma, o processo de escutar as mulheres por meio de suas narrativas, através de entrevistas e/ou diálogos informais, permitia, aos poucos, descobrir silêncios, presenças e ausências. Nesses diálogos, vários elementos foram surgindo como, por exemplo, a forma mediante a qual elas percebiam seus processos de socialização e escolarização, as vivências familiares, memórias do tempo da infância e adolescência, assim como esquecimentos e interrupções.

Por meio da oralidade, do narrar às trajetórias de vida, as mulheres trouxeram recordações dos caminhos por elas percorridos. Para Bosi (2003), a memória parte do presente, sendo, portanto, marcada pelo passado. Desse modo, “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. Assim, “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (BOSI, 2003, p.20).

O processo de narrar trajetórias de vida permitiu um desvendar a si mesmas e um desvelamento da realidade. Em alguns momentos, na medida em que relatavam, as mulheres se surpreendiam com o que diziam, pareciam se escutar, pausar, e compreender de outro modo o que relatavam, pois, de certo modo, enfatizavam o que fora vivido ou experienciado.

3 TRABALHO SEXUAL E A BATALHA: SIGNIFICADOS E SENTIDOS

A compreensão acerca do trabalho sexual considera que os serviços sexuais acontecem entre adultos e com consentimento. Quando, porém, não há consentimento, trata-se de violência, abuso ou escravização sexual. Ele é multiforme e envolve diversos tipos de atores, desenvolvendo-se em diversos tipos de contextos (PISCITELLI, 2005). Existem trabalhadores/as sexuais, femininos,

masculinos, transexuais, a orientação pode variar, assim como as idades, os gêneros, nacionalidades e características étnicas. Em relação às condições de trabalho, também podem ser as mais variadas possíveis. Existem prostitutas de rua, *call girls*, *strip teasers*, atrizes e atores de filmes pornográficos, *on line*, virtual, garotas de programa, prostitutas de bares, boates, portos. Os locais também são diversos: bares, boates, casas de massagem, orla, rua, hotéis, cines privês, entre outros.

Piscitelli (2005) aponta que, para além de pensar o mercado do sexo, considerando o sexo comercial e a indústria do sexo, é importante considerar que as definições correntes da prostituição não são suficientes para se pensar os diversos tipos de inserção entre o jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade. Desse modo, marcada pelo processo de mercantilização, a prostituição não assume “necessariamente a forma de contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro”, ou seja, a inserção no mercado do sexo não se restringe apenas à realização de programas, mas envolve uma série de outras relações e movimentos.

A discussão sobre as relações entre agentes situados nos dois lados (demanda e oferta) deste mercado, e sobre sua própria organização, remete, neste momento, a um aspecto particular: à intensificação da circulação através das fronteiras com o objetivo de oferecer ou comprar serviços sexuais, um fenômeno que, na produção sobre o tema, é inserido na problemática da transnacionalização (PISCITELLI, 2005, p.09).

De acordo com a literatura feminista, o termo transnacional (AGUSTÍN, 2001, 2005, 2006; APPADURAI, 1996; THORBECK, 2002; SILVA; BLANCHETE, 2005; PISCITELLI, 2005, 2013) pode ser utilizado de diversas maneiras. De modo geral, significa laços, vínculos e conexões que são estabelecidas entre grupos e que, portanto, ultrapassam as fronteiras regionais, nacionais e internacionais. Nesse sentido, o entendimento desta circulação implica em considerar as redes migratórias de modo mais amplo. Nas discussões sobre mercados do sexo, afirma Piscitelli (2013), existe um acordo em assinalar que eles estão marcados, na atualidade, pelo caráter transnacional.

Com este termo, faz-se referência aos processos de atravessar as fronteiras para consumir e oferecer serviços sexuais, nos quais se estabelecem relações complexas entre diversos locais, incluído redes e laços sociais de origem e os diferentes destinos. Nesse sentido, as relações entre agentes situados nos dois lados (demanda e oferta) desse mercado remetem à intensificação da circulação através das fronteiras, articulada à problemática

considerada característica da “nova ordem global” – isto é, à ampliação da mobilidade, aos deslocamentos de massas de turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores -, que afeta a política entre nações de maneira sem precedentes e, justaposta aos efeitos da mídia eletrônica, cria uma nova instabilidade na produção das subjetividades modernas (PISCITELLI, 2013).

Ao vincular o mercado do sexo à transnacionalização, essas abordagens não ignoram a circulação através das fronteiras que, vinculada ao comércio do sexo, teve lugar no passado. As análises sobre as narrativas do tráfico de mulheres, produzidas na última parte do século XIX e início do XX, mostram a relevância a elas concedidas nesse período (PISCITELLI, 2005, p.10).

A discussão atual sobre o mercado do sexo, considerado o interesse pelo tema do tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual, apresenta a força política da circulação das ideias por meio das fronteiras. De acordo com Piscitelli (2005, 2013), um ponto importante neste debate está relacionado às legislações³ nacionais sobre prostituição, pois estamos diante de uma discussão internacional que tem considerado a repressão do tráfico internacional de pessoas.

Refletir sobre esta questão exige considerar que os estudos sobre esta problemática tendem a estarem informados pelas diferentes posições feministas no debate da prostituição. Essas posições foram delineadas, sobretudo, na discussão internacional, conhecida como as batalhas do sexo (*sex wars*), centrada na pornografia e na prostituição, e se articularam com diferentes posturas em termos do estatuto legal que a prostituição deveria assumir (PISCITELLI, 2005, p.12). Importante observar que os modelos legais relativos ao exercício da prostituição são basicamente quatro: proibicionista⁴, abolicionista⁵, regulamentarista⁶; e, mais

³ Capítulo V do Código Penal (parte especial, título VI, alterado pela Lei n. 012.015 de 2009, “Dos crimes contra a dignidade sexual, do lenocínio e do tráfico de pessoa para fim de prostituição ou outra forma de exploração sexual”, é penalizada a mediação para servir a lascívia de outrem (art.227, incluindo o lenocínio, quando o crime é cometido com o fim de lucro). Penalizam-se também o favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual (art. 228 – induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual, facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone); ter casa de prostituição (art. 229 – manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente); e o rufianismo (art. 230 – tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça).

⁴ Considera a prostituição um delito e penaliza todas as atividades a ela vinculadas e todas as partes envolvidas, incluindo as prostitutas, consideradas delinquentes.

⁵ Este modelo penaliza a todos que recrutam e organizam a prostituição e dela se beneficiam.

⁶ Também denominado de legalização no discurso internacional, a prostituição é aceita, mas é vista como ameaça à saúde e à ordem pública.

recentemente, o modelo chamado de trabalhista⁷, laboral ou de “despenalização” (PISCITELLI, 2013).

Neste cenário, vem sendo construído o pensamento acerca do fenômeno do mercado do sexo, e de modo mais específico, nesta pesquisa, o fenômeno da prostituição feminina. Desse modo, as diferentes formas de perceber e entender a prostituição podem ser apreendidas a partir dos múltiplos significados e compreensões que ela possibilita. Ao considerar, por exemplo, o tema da prostituição nas sociedades ocidentais, durante muito tempo, ela esteve permeada por tensões, posicionamentos diversos, lutas, processos de rejeição e segregação, tanto em relação a espaços considerados de “tolerância” quanto em relação às prostitutas. Em diversas áreas de conhecimento, este fenômeno partiu de uma interpretação funcional. Nesse sentido, o discurso de que a prostituição era um “mal necessário” se integrava bem à instituição do casamento. Classificada como uma ameaça à lógica do ordenamento social, ao suscitar ideias de transgressão e liberdade associadas aos papéis femininos, a prostituição era, ao mesmo tempo, útil à manutenção das famílias, uma vez que separaria os impulsos e desejos sexuais masculinos da intimidade doméstica e do modelo do amor romântico (MORAES, 1995).

No Brasil, várias áreas de saberes instituídos, como, por exemplo, a Medicina, o Direito, apresentaram visões sobre o corpo da prostituta e sobre seu exercício profissional, considerando-o como vadiagem, perversão, doença, pecado, consequência da miséria, ameaça aos costumes e à saúde pública. Estes processos de formação e resignificação, pelos quais historicamente foram sendo construídos os significados da prostituição, localizam-na no lugar daquilo que é marginal.

Os novos imaginários do corpo feminino que se instituíram, acabaram sendo incorporados inclusive pela produção científica relativa ao tema. As figuras polarizadas da prostituta que emergem na documentação – de um lado, a meretriz, vitimizada pelas condições econômicas adversas e por um destino implacável; de outro a *femme fatale*, que, embora não seja originariamente prostituta, é frequentemente associada a ela para designar a cortesã poderosa e cruel –

⁷ O foco recai sobre os direitos laborais e as condições de trabalho. Reivindicam-se o reconhecimento do trabalho do sexo como atividade legítima e a despenalização dos diversos aspectos vinculados à prostituição, exigindo-se que ela seja regulada por leis civis e laborais, e não por leis penais.

correspondem a dois tipos de explicação que os estudos sobre a prostituição apresentam (RAGO, 1991, p.21).

Nesta perspectiva de múltiplos significados, a prostituição feminina, nesta pesquisa, foi apontada pelas mulheres através da categoria *batalha*. Desse modo, a *batalha* é uma categoria que emerge do campo e do processo de pesquisa e estudo sobre as mobilidades, socialização e construção de saberes, construídos por mulheres pobres inseridas em contexto de prostituição no Centro Histórico de Salvador. Ela explícita, de modo amplo, a complexidade da prostituição, prática social atravessada, e perpassa por diversas relações e categorias sociais, que nos informa no campo de estudo e investigação do tema, o modo como estas mulheres, especificamente, significam e dão sentidos à sua prática. A *batalha*, portanto, expressa muito mais que mera troca de dinheiro por serviços sexuais, é uma metáfora que expressa um modo próprio de garantir a subsistência de necessidades básicas, o agenciamento e protagonismo de mulheres excluídas do mundo social e dos espaços políticos, que buscam a cidadania plena e lutam por garantia de direitos.

4 SABERES CONSTRUÍDOS NA BATALHA

Durante a pesquisa, perguntamos sobre a *história* de inserção e permanência das mulheres na prostituição de rua, com o objetivo de entender os desafios, os enfrentamentos que constroem seus saberes na prática da prostituição. Assim, a seguir, apresentamos dados sobre:

- a) Processo de inserção e permanência das mulheres na rua e *batalha*: considerando semelhanças e diferenças entre as narrativas apresentadas;
- b) Aprendizados e saberes construídos a partir da prática e vivência na prostituição: dinâmicas educativas e socializadoras evocadas pela vida na *batalha*;
- c) Construção de estratégias e enfrentamentos diante dos desafios que a vida na rua traz.

As aproximações do mundo da *batalha*, assim como os contextos e modos de prostituição são diversos e complexos. A partir das narrativas das interlocutoras desta pesquisa, da observação em campo, do diálogo com outros atores presentes neste cenário, percebemos que o primeiro aspecto a ser destacado é a

heterogeneidade acerca dos motivos e explicações dadas pelas mulheres ao fato de exercerem o trabalho sexual.

Dentre os relatos, alguns elementos ora surgiam de forma semelhante, ora se diferenciavam, mostrando a complexidade do contexto e a responsabilidade em pensar sobre o tema de forma múltipla. Algumas mulheres iniciaram a vida na *batalha*, após a fuga de espaços domésticos marcadamente violentos e sem segurança; outras, em decorrência da sobrevivência e busca de melhores condições de vida; algumas se inseriram primeiro no tráfico de drogas e, posteriormente, na *batalha*, visando à garantia de dinheiro que lhe possibilitasse o uso de drogas. Existem, ainda, aquelas mulheres que, após a separação de relações violentas, decidiram “viver sua própria vida”, encontrando na prática da prostituição tanto um modo de subsidiar seus filho/as quanto de vivenciar sua sexualidade⁸. Algumas mulheres expressaram que simplesmente decidiram batalhar, e outras afirmam que não encontraram outra escolha. Frequentemente, estas últimas expressam um desejo de deixar tal prática.

A inserção, para algumas mulheres, surgiu a partir do convite de outras pessoas, geralmente amigas ou conhecidas que também se encontram na *batalha*, outras afirmam ter se aproximado por conta própria. Daniela conta que, após o nascimento de seu segundo filho, e enfrentando as dificuldades para criá-lo, recebe a sugestão de uma colega para começar a frequentar a boate. Sua resistência se pauta no medo em relação à família e ao que esta poderá pensar sobre esta prática.

Ai depois, uma colega minha: você tá fazendo o que pra criar seu filho? E eu disse: tô na casa de minha irmã. E ela disse: Vamos ali... e eu disse: não, vou não se alguém pega. Minha mãe me bota pra fora. Minha família é muito rígida. Minha família não gosta destas coisas. Já fui convidada também no tempo da minha filha, quando ela era mocinha, mas eu nunca fui. Tinha medo. Achava feio. Naquele tempo eu trabalhava, trabalhava numa coisa, trabalhava noutra. Mas nunca pensei nisso não. Mas ai um certo dia. Tudo tem seu dia né. Ai ela vem: vamos pra Boa viagem, vamos pra orla, não sei o que, para uma casa de massagem, a gente fica escondida lá dentro. Não precisa ninguém vê a gente não. Ai eu disse: não tem nada neste mundo que não se descubra. A gente se arrumava e saía de noite toda perfumada... eu tinha uns trinta e poucos anos. Ai ela ficava me chamando, me chamando, a gente tudo novinha, naquele tempo, tudo bunitinha, ai a gente ficava nas boates, escondida dentro das boates. Mas sempre tem um corujão que vê. E não dava pra disfarçar né, a gente sai toda arrumada, ai a família começa a desconfiar logo. Mas ninguém na

⁸ Vivenciar sua sexualidade, na perspectiva das interlocutoras desta pesquisa, significa conhecer/sentir outros modos de construção afetiva para além daqueles experimentados nas relações do casamento, por exemplo.

minha família nunca deu pra isso não... (D, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em outubro de 2015).

Cristiane, natural do interior da Bahia, viveu sua infância no interior, vindo para Salvador no final da adolescência. Neste período, morando no Centro Histórico, sua inserção se deu a partir da venda de drogas. Somente no momento em que foi “pega”, viu na prática da prostituição outra forma de “ganhar dinheiro”.

Quando eu vim pra Salvador eu vim pra vender droga na 28. Ai eu passei droga. Ai pronto. Depois não quis mais vender droga. Ai eu fui pega. Ai a mulher: ah, não vou pagar não. Ai eu tinha que pagar do meu bolso. Eu ganhava R\$50,00 por dia, eu pagava R\$200,00 pra ela e R\$50,00 era meu. Ai o policial era arregueiro, ai pegou e eu paguei R\$100,00. R\$100,00 naquele tempo era dinheiro. Ai vim pra Praça da Sé. Ai fiquei aqui. Na Praça da Sé eu cheguei tinha 15 anos. Quando eu vim pra aqui eu não vim prostitui não. Eu vim morar dentro de 28, ai comecei a passar droga, droga, ai foi um dia eu fui pega com a droga. Ai a mulher disse que não ia pagar não. Ai eu disse a ela: não vou mais vender isso não. Ai pronto. Ai conheci uma mulher chamada S.... Ai me trouxe aqui pra Praça da Sé. (C, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em setembro de 2015).

Em seu relato, Cristiane reafirma, a todo o momento, que não queria essa vida, e relata comentários de antigos clientes e do companheiro acerca desta prática. Em ambas as falas, dos clientes e companheiro, “isso não é vida para ela”.

É isso. Agora mesmo eu chego até em casa mesmo eu vou transar com meu marido e é uma foda gostosa. Meu marido vem aqui e me beija. Coisa que ele não fazia, ele nunca chegou pra mim. Pra mim ele sabia, entendeu? Ai aquela foda... E hoje não. Se você ver o amor que ele me trata hoje. [...] Eles (clientes) diz: pô, gostei de ver. Você saiu desta vida. Você é uma menina bonita, não precisava desta vida não. E tanta gente que eu já fiz programa aqui, senta aqui bebe, conversa e diz: quem dizia que você saia desta vida. E eu digo, nada é impossível. Os clientes aqui... eles falam assim: você não sai mais não... e eu digo: se quiser sair com minhas colegas ai pode sair. E eles dizem: você mudou mesmo. Pronto. Senta ai bebe, conversa. Eles são daqui mesmo. (C, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em setembro de 2015).

Atualmente, permanece na Praça como guia, e não se distancia em decorrência das amizades que construiu neste espaço, mas afirma se sentir melhor em não ter que *batalhar*.

Bianca, natural de Salvador, diz não ter boas recordações de sua infância. Entre violências no espaço doméstico e o distanciamento deste espaço, diz ter sido “criada com mundo”. A inserção de Bianca na rua se localiza quando ainda era criança, após um período “perambulando” por orfanatos e instituições que acolhiam crianças.

Eu já dormi até aqui. Só nunca usei drogas, nunca fui pra esses negócios errado. Nunca. Passei sofrimento no meio de rua pra dormir. Chove, molha. Não tem lugar de dormir. Tem que amanhecer sentado na Lapa, que eu amanhecia sentada quase todo dia... (B, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em setembro de 2015).

No caso de Bianca, a inserção na rua é o primeiro passo e, portanto, a prática da prostituição surge posteriormente. Ela se considera moradora de rua e neste sentido, não consegue localizar ao certo em que momento se deu sua inserção na *batalha*. Para Bianca, na rua, em primeiro lugar, e posteriormente na prática da prostituição, estão as pessoas de seu círculo de amizade. Além das dificuldades enfrentadas na rua, Bianca reconhece relações de amizade.

As meninas que eu fico conversando, meus amigos que eu fico conversando, me acabando na risada. Me distraio muito. Gosto muito de praia... Ai as meninas conversa comigo e eu converso com as meninas e eu me distraio. Ai uma vai pra um lado, outra vai pra outro. Depois se gruda todo mundo de novo na Praça. Todo mundo some e se encontra (risadas)... Gosto de conversar. Acho que eu me distraio muito... (B, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em setembro de 2015).

Os relatos de Daniela, Cristiane e Bianca são alguns que surgem na pesquisa como demarcadores da diversidade de narrativas e possibilidade de inserção, permanência e saída da prática da prostituição. Na medida em que se inserem nestes espaços, constroem saberes, relações e interações. Na pesquisa desenvolvida por Sousa (2015), com mulheres prostitutas de casas noturnas da cidade de São Carlos, e com prostitutas que participam de associações da categoria, nas cidades de Belo Horizonte, Campina Grande, João Pessoa e Recife, a autora busca compreender como mulheres educam-se ao tomarem parte da prática da prostituição. Neste sentido, as mulheres participantes da pesquisa, desenvolvida por Sousa, apontam que o medo do que ainda não conhecem é algo que as acompanha no início da prática da atividade. Para a autora,

O medo é gerado pela percepção de que no exercício do trabalho sexual existem regras peculiares que regulam a organização da atividade e as relações que se estabelecem no sentido de canalizar a oferta e a demanda de serviços sexuais (SOUSA, 2015, p. 04)

Entretanto, o medo vem seguido de aprendizados, um processo de educar-se na prática da prostituição e um movimento de ousadia, e, portanto, superação do medo. Desse modo,

Desvelar os significados que essas mulheres tecem para o ingresso e permanência nessa prática social favorece a percepção de que a vida da prostituta não é marcada apenas por medo, mas também por muita ousadia. Os depoimentos cedidos pelas mulheres participantes das pesquisas

engendram o entendimento de que a prostituta não é uma vítima e se tornou puta pelas vicissitudes da vida, pelo contrário, suas falas parecem indicar que fazer-se puta pode ser uma resposta dada por essas mulheres diante da recusa em aceitar estruturas desumanizantes que permeiam outras instituições tais como a família, o casamento e o trabalho (SOUSA, 2014, p. 05).

Corroborando com a assertiva de Sousa (2015), esta pesquisa tem apontado que a vivência e a prática da prostituição, para além dos desafios e enfrentamentos encontrados, possibilitam movimentos de agência, autonomia e construção de saberes. Estes saberes e aprendizados se revelam no protagonismo que estas mulheres tecem no âmbito financeiro – todas as mulheres interlocutoras desta pesquisa são “arrimo de família” -, no modo como cuidam de seus corpos e vivenciam experiências afetivas, na forma como educam e socializam seus filhos e filhas, no agenciamento. Educar-se neste contexto, supõe uma abertura constante para desfazer estranhamentos, criar e recriar estratégias de superação de violências, manejo no que tange às emoções e sentimentos, fortalecimento de laços, elos e redes de ajuda, solidariedade e denúncias.

A tarefa de educar-se e construir saberes a partir da *batalha* não é algo fixo ou estático, está em constante movimento. É, portanto, no espaço das tramas e interações que a aprendizagem vai se fazendo e se constituindo. Desse modo, ninguém se torna autônomo de um dia para outro, mas é durante a vida, enfrentando decisões e construindo protagonismos, que as mulheres vão aprendendo a fazer “leituras de mundo”, e tornando-se sujeitas políticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa fez emergir uma categoria que parece explicar em profundidade a experiência de ganhar/fazer a vida na rua, a *batalha*, portanto, é uma expressão que aponta o modo de fazer e construir a vida na rua e na prostituição. A expressão “*tô na batalha, tô na vida*”, assim como a leitura dos significados e sentidos atribuídos a esta expressão pelas mulheres, aponta, nesta pesquisa, uma categoria que exprime o trabalho exercido pelas mulheres prostitutas na rua, no Centro de Salvador, Bahia.

Que se aprende na vida da rua? O que a *batalha* traz como experiência de si? O que dizer do desafio das incertezas de ganhar ou não ganhar dinheiro, de ser bem tratada ou maltratada por um cliente, do desamparo ou da proteção criados pela

vulnerabilidade das ruas? Podemos concluir considerando quatro eixos centrais que, ao longo da pesquisa, foram surgindo como fios que aos poucos tem se entrelaçado:

1. A rua é para essas mulheres o lugar da **socialização e/ou dinâmicas socializadoras**: envolve os processos de escolarização das mulheres e outras interações sociais (círculos familiares, amizades, relações do âmbito do trabalho) – educação entendida como forma e lugar de constituição de sujeitos.
2. **Prostituição e/ou batalha**: Nesta pesquisa o que se tem apontado, a partir das narrativas, é que a prática da prostituição extrapola o que se tem entendido como prestação de serviços sexuais por meio de trocas (dinheiros e outras formas). Antes a *batalha*, como temos nomeado esta prática, a partir deste contexto, tem sido de fato um campo de batalha que tanto significa e dá sentido ao fazer/agir/sentir destas que são de fato “mulheres da *batalha*”, na perspectiva da prática da prostituição, quanto as qualificam como pessoas que estão em constante batalha e são, portanto, marcadas pela ousadia, transgressão e força de luta e vida. A definição, para estas mulheres, de ser da *batalha* aponta o que elas são de fato, e, assim mesmo, se autodefinem: “mulheres guerreiras” que estão na luta e na “correria”. Ainda em relação à prostituição, a proposição foi de verificar os caminhos e processos vivenciados pelas mulheres no que tange à inserção, permanência e saída da prostituição, compreendendo as contradições, ambiguidades e diversidade destes caminhos.
3. A rua é sinônimo de conflito e de empoderamento. **Trabalho: batalha e “guia”** – Por trabalho se entende todas as formas de garantia de sustentabilidade, criadas e recriadas pelas mulheres na prática da prostituição e outras formas de trabalho. Este tem sido, para as mulheres, o lugar de construção de si, de autodeterminação e empoderamento. Por meio dele, as mulheres se reinventam e criam possibilidades de enfrentamentos, modos de vida e agenciamento.
4. A rua promove ambiguidades na relação das mulheres com sua **corporalidade**: neste campo, observamos como surgem as vivências que perpassam a corporeidade das mulheres, a construção de si enquanto meninas e mulheres, os processos de violações de direitos, as construções

das relações de gênero sejam na prática da prostituição, sejam no ambiente familiar, processos de cuidado consigo mesmas, saúde, higiene e prevenção.

A pesquisa teve como finalidade identificar como foram as trajetórias de socialização das mulheres que exercem a prostituição, com a pretensão de compreender como as mulheres foram construindo suas trajetórias de socialização no cotidiano da prostituição, percebendo que saberes foram sendo tecidos e que transformações foram acontecendo. Desse modo, a pretensão até aqui foi a de verificar, por meio das narrativas e trajetórias das mulheres, os processos de socialização e construção de aprendizados e saberes a partir da prática da prostituição. Durante esse percurso, em movimentos que ora se abrem e ora se fecham, temos refletido sobre: trajetórias de vida, escolarização e socialização das mulheres, processos de inserção e permanência na *batalha*, relações de gênero, corpo e projetos de vida.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, Laura María. “**Mujeres inmigrantes ocupadas em la indústria del sexo**”. In: Colectivo IOÉ; *Mujer, inmigración y trabajo*. Madri: Imsero: 2001.

AGUSTÍN, Laura María. **Trabalhar em la indústria del sexo, y outros tópicos migratórios**. Donosti: Tercera Prensa, 2005.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large. Cultural dimensions of globalization**. Minneapolis: University of Minenesota Press, 1996.

BACELAR, Jeferson A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2ª-ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Fundamentos Espistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação**. Educação em Revista: Belo Horizonte, 2011, v.21 (01), p. 333-346.

FONSECA, Cláudia. (1996). **A dupla carreira da mulher prostituta**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Feministas, vol. 4, n.1, 1996.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. 3 ed. Rio de JANEIRO: Jorge Zahar Editor, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29.

MAZZARIOL, Regina Maria. (1977). “**Mal necessário**”. **Ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1977.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre.** Belo Horizonte: Teoria e Sociedade, jul/dez 2007, v.2, p. 108-137.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Prostituição feminina e direitos sexuais: diálogos possíveis.** Revista Latinoamericana: Sexualidade, Salud y Sociedad. N11 – ago.2012, p. 88-121. Disponível em: www.sexualidadsaludysociedad.org.

PASINI, Elisiane. **“Corpos em evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.** Dissertação de Mestrado Antropologia. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

PERLONGHER, Néstor. (2008). **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PISCITELLI, Adriana. **Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas.** In: AGUIAR, Neuma (Org.). Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva de mulheres. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 49.66.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher.** Campinas, 2001. Disponível em: <http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/TC-2-PISCITELLI-Adriana-Re-criando-a-categoria-Mulher.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2015.

PISCITELLI, Adriana. **Apresentação: gênero no mercado do sexo.** Campinas: Cadernos Pagu, jul/dez 2005, v.25, p. 7-23.

PISCITELLI, Adriana. **Mercado do Sexo.** Cadernos Pagu (25) julho-dezembro de 2005. Universidade Estadual de Campinas.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos: brasileiras nos mercados do sexo transacionais do sexo.** Coleção sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. **Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercado do sexo.** Contemporânea, v.3, n.2, jul-dez, 2013, p. 377-404.

Proposta de acompanhamento às mulheres em situação de prostituição. São Paulo: Editora Nelpa, 2013.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 578-606.

SOUZA, Francisca Inar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto. São Paulo: Annablume, 1998.

SILVA, Ana Paula; BLANCHETTE, Thaddeus. **“Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”**. Cadernos PAGU 25, 2005, p. 249-81.

SOUZA, Fabiana Rodrigues. **Ações educativas desenvolvidas por prostitutas organizadas: tecendo confiança e autonomia**. In: Educação Popular. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.24, n43, p.75-88, 2015.

THORBEEK, Susanne e PATTANAIK, Bandana. **Transnational prostitution**. Changing global patterns. Londres/ Nova York: Zed Books, 2002.

ENTREVISTAS

1. D, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em outubro de 2015. In: Silva, Fernanda Priscila Alves da. Mulheres Pobres em Circulação: Aprendizados e Saberes Construídos na Batalha nas Ruas de Salvador. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, 2017. Dissertação de Mestrado. 215 f.: il.
2. C, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em setembro de 2015.
3. B, Entrevista concedida a Fernanda Priscila Alves da Silva, em setembro de 2015.